

LAZER, AMIZADE E MONTANHISMO: POTENCIALIDADES

Sandoval Villaverde Monteiro

Doutor, Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte

RESUMO

O objetivo do texto foi discutir as práticas corporais de lazer vinculadas ao montanhismo, buscando problematizá-las no contexto das formas contemporâneas de sociabilidade e de subjetivação, indagando sobre os liames sociais suscitados a partir da relação com tais práticas. A discussão empreendida permitiu sustentar o argumento sob o qual o envolvimento com estas práticas coletivas podem ser entendidas como experiências férteis para o exercício de uma relação renovada do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Este exercício potencializa a experimentação de processos renovados de subjetivação coletiva, podendo resultar em formas de amizade mais livres e criativas.

ABSTRACT

The aim of this study is to discuss the leisure corporal practices related to mountain climbing, trying to contextualize them in the contemporary ways of sociability and subjectivity, asking about the social effects which occur from the relationship with such practices. Such discussion provides the argument about the involvement with these collective practices so that they can be comprehended as fertile experiences to the exercises of a renewed relation between the character and himself, and the other and nature. This exercise promotes the experiments of renewed processes of collective subjectivity in such a way that it can result in creative ways of friendship.

RESUMEN

El objetivo del texto fue discutir las prácticas corporales de entretenimiento vinculadas al montañismo, buscando problematizarlas en el contexto de las formas contemporâneas de la sociabilidad y de subjetivación, indagando sobre los nexos sociales suscitados a partir de la relación con tales prácticas. La discusión empreendida permitió sostener el argumento sob el que el envolvimento con estas prácticas colectivas pueden ser entendidas como experiencias fértiles para el ejercicio de una relación renovada del sujeto consigo mismo, con el otro y con la naturaleza. Este ejercicio potencializa la experimentación de procesos renovados de subjetivación colectiva, pudiendo resultar en formas de amistad más libres y creativas.

INTRODUÇÃO

Tomando como referência meus estudos em nível de doutorado¹, o objetivo principal do texto consiste em problematizar as práticas corporais de

¹ MONTEIRO, Sandoval V. Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. Campinas, 2003, 143 f. Tese (Doutorado em Educação Física/Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

lazer e aventura vinculadas ao montanhismo, especialmente buscando pensá-las no contexto das formas contemporâneas de sociabilidade e processos de subjetivação, indagando sobre os liames sociais suscitados a partir da relação com tais práticas. Tratou-se de abordar alguns aspectos relevantes destas experiências lúdicas e de sua vivência pelos grupos investigados, relacionando-os a processos contemporâneos de subjetivação e formas de sociabilidade, especialmente considerando as relações de amizade.

PROBLEMATIZANDO O TEMA DE ESTUDO

Alguns indícios dão conta de demonstrar a relevância da problematização da subjetividade e das formas de sociabilidade, especialmente considerando o momento contemporâneo, farto em mutações de variados tipos e na profusão de cenários inusitados. Como vem sendo largamente discutido por significativos segmentos da produção teórica contemporânea, temos testemunhado importantes transformações na vida humana nos últimos séculos, as quais se intensificaram ainda mais nas últimas décadas, desencadeando novas e complexas configurações na relação dos indivíduos consigo próprio, com os outros e com a natureza.

Os novos cenários produzidos por tais mudanças apontam também, e inevitavelmente, para novas experiências do sujeito, abrindo um espaço fecundo para a contemporânea tematização da problemática da subjetividade², especialmente considerando autores como Giddens (1991, 1993, 1997, 2002), Beck (1997), Lash (1997), Foucault (1985, 1994a, 1994b, 1998), Ortega (1997, 1998, 1999, 2000, 2002), Guattari e Rolnik (1986), Rolnik (1997a, 1997b), entre outros. Emerge, dessa forma, todo um cenário de questionamentos sobre os modos contemporâneos de subjetivação, incluindo a problematização da amizade, entendida como forma de subjetivação coletiva. Tais questionamentos versam sobre como nos aproximarmos de nossa experiência de sujeito, de relacionamento com os outros e conosco mesmos.

Como discute Giddens (2002), as transformações que conhecem seu ápice no atual estágio da modernidade não encontram precedentes na história das sociedades. Dado o extremo dinamismo da modernidade, especialmente em sua fase atual, estas transformações não somente alteram radicalmente a vida social cotidiana, mas também afetam os aspectos mais pessoais e íntimos da existência humana. Este contexto de mudanças, demonstra o autor, abre espaço para toda uma reconfiguração nos modos de autoconstituição dos sujeitos, assim como na forma e dinâmica dos relacionamentos interpessoais contemporâneos.

Os processos atuais de modernização e individuação característicos do momento contemporâneo, de acordo com Beck (1997), levam a uma reconfiguração e a um deslocamento das formas sociais historicamente prescritas, tais como a família, o matrimônio e o trabalho, abrindo espaço para a experimentação de novos vínculos. Como consequência dessas tendências de

² Guattari faz importantes distinções entre subjetividade e individualidade, tentando esquivar-se de quaisquer tendências psicologizantes, idealistas ou naturalistas da subjetividade. Em suas palavras: “seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e subjetividade. Para mim, os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado [...] A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (Guattari e Rolnik, 1996, p. 31 e 33).

desprendimento e individualização³, o indivíduo teria a possibilidade de escolher entre uma rede de relações sociais, da qual ele mesmo tende a ser o próprio arquiteto, possibilitando a experimentação de diferentes formas de existência e laços de sociabilidade.

Embora não compartilhe do mesmo otimismo de Beck, Rolnik (1997a, p. 19) aponta também um quadro de mudanças, afirmando que as subjetividades contemporâneas, independente da sua morada, tendem a ser povoadas por uma profusão cambiante de universos, uma “mestiçagem de forças”, as quais delineiam “cartografias mutáveis” e colocam em cheque seus contornos habituais. Isto ocorre numa realidade onde a globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos das mais variadas espécies em qualquer parte do mundo, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores.

É neste contexto mais amplo de discussão que se insere a reflexão sobre a experiência de lazer, especialmente as práticas de aventura na natureza. No mundo contemporâneo - marcado pelo dinamismo da reflexividade e das transformações no tempo e no espaço, pelo fulcro da informação/comunicação e pela importante interconexão entre sistemas globais e o próprio sujeito - não é de admirar que o fenômeno do lazer apresente uma incontestável visibilidade. Tal cenário apresenta para a vida humana inúmeras contradições e tipos de opressão, muito embora, paradoxalmente, possibilita novos espaços de contrapontos e reapropriação. Isto parece fazer da vida cotidiana, e consequentemente da vivência do lazer, um campo de experiências e ações humanas tanto rico quanto ambivalente.

Sem querer voltar a considerações conceituais já feitas em outra ocasião (Villaverde, 2003), preciso somente lembrar que associo a experiência do lazer à vivência, produção e reelaboração de cultura, num espaço-tempo conquistado pelos sujeitos às imposições da vida no mundo, visando o pleno exercício da humanidade, especialmente em suas expressões de liberdade e ludicidade. Exercício este não constituindo-se num essencialismo abstrato, mas aproximando-se dos processos de singularização, tal como os entende Guattari (1986), nos quais o que se busca é a afirmação de outras maneiras de ser, outras percepções e sensibilidades.

É neste sentido que considero possível entender o lazer, particularmente as práticas corporais vivenciadas na natureza, como campo de experiências humanas privilegiadas junto aos processos de constituição de subjetividades, já que, ao potencializar os aspectos anteriormente destacados, oferece uma rica possibilidade de exercitar e intensificar uma relação renovada consigo próprio, com a cultura e com a alteridade, aí incluídos os outros seres humanos e os demais seres e elementos do planeta.

Minha vivência pessoal com escaladores e minha própria relação com a prática da escalada em rocha, por exemplo, permitem considerá-la bastante expressiva em termos de estreitamento de laços interpessoais. A forma de sociabilidade exercitada no contexto de tais práticas é bastante intensa, pois a relação que se estabelece entre guia (escalador que se coloca à frente no trajeto a ser feito na rocha) e participante (escalador ou escaladores que seguem o mesmo trajeto feito pelo guia após a chegada deste num determinado lugar da parede de rocha) implica confiança, comunicação, incitação recíproca e

³ Para Beck (1997), “individualização” não tem o sentido de atomização, isolamento ou individualismo, mas toma um sentido até oposto de “forma social”.

entendimento mútuos, a fim de evitar acidentes e fazer com sucesso o trajeto pretendido. Trata-se de cuidar de si e do outro na emoção de uma aventura compartilhada, onde os movimentos de troca do corpo com o ambiente tendem a ser, a um só tempo, suaves e intensos.

Nesta prática corporal específica ligada ao montanhismo, especialmente sendo ela vivenciada como lazer, o que parece estar em jogo é uma composição, de preferência sensível e criativa, do praticante com os obstáculos, com as possibilidades oferecidas ao corpo pela rocha (em suas agarras, fendas, fissuras, etc.), com os equipamentos utilizados (cordas, fitas, mosquetões, etc.) e com quem o acompanha nesta aventura em sentido vertical.

Mas é preciso ter presente também, sem dúvida, as contradições e paradoxos presente no contexto das práticas de lazer e aventura na natureza como um todo. Estas têm sido, de forma geral, fortemente incorporadas pelo mercado esportivo e/ou turístico, este último especialmente em sua versão “ecológica” ou “de aventura”, passando assim, a despeito de suas potencialidades e do discurso ecológico que as sustentam, a reproduzir acriticamente a lógica do consumo de massa, do espetáculo esportivo e da indústria do entretenimento, sobretudo nesta fase da modernidade. Deve ser considerada especialmente a lógica utilitarista e mercantil de instrumentalização da natureza, adotada muitas vezes nas práticas etiquetadas como “ecoturísticas” e também pelo *trade* turístico que as promovem e comercializam. A facilidade com que esta lógica pode aparecer disseminada nos indivíduos e grupos que participam desses pacotes “esverdeados” podem, em boa parte dos casos, ser um fator de empobrecimento de suas potencialidades de reflexão, crítica e criatividade.

Ainda assim, a existência das diversas contradições e paradoxos vinculados a essas práticas em sua incorporação pelo mercado, seja ele turístico ou esportivo, não deve invalidar o esforço de tentar perceber o que elas trazem de renovado e potencialmente transformador na relação do indivíduo consigo próprio e com a alteridade. Talvez seja possível, a partir do conhecimento de tais potencialidades, buscar com mais propriedade o exercício de condutas éticas renovadas e também a formulação de estratégias de resistências tanto micro como macro-políticas.

O quadro brevemente esboçado até aqui, certamente merecedor de aprofundamentos e considerações várias, já permite que seja apontada a indagação central que mobilizou o esforço reflexivo do estudo: em que medida é possível perceber na vivência coletiva de práticas corporais de lazer e aventura na natureza, especialmente aquelas relacionadas à montanha (caminhada, escalada, etc.), potencialidades para o exercício de novos processos de subjetivação e novas formas de sociabilidade, especialmente considerando as relações de amizade?

O PERCURSO METODOLÓGICO: UM OLHAR ETNOGRÁFICO

Com estes marcos de problematização e apostas, busquei num primeiro momento, empregar uma metodologia baseada fundamentalmente na leitura e análise de textos que tratam da temática proposta. Neste caso, pretendi-me em diálogo com a perspectiva teórica dos autores chamados a fundamentar este estudo.

No entanto, parafraseando o antropólogo Clifford Geertz, não me sinto à vontade em afastar-me muito das imediações da vida social, o que me fez inevitavelmente buscar uma referência empírica no contexto das referidas práticas corporais, a qual pudesse oferecer sustentação aos argumentos desenvolvidos. Neste sentido, os dados coletados da pesquisa de campo são resultantes de observações e entrevistas com alguns adeptos de práticas corporais de lazer e aventura na natureza, nomeadamente atividades ligadas ao montanhismo (caminhada, escalada em rocha, etc.), na cidade do Rio de Janeiro (Grupo de Caminhada Alternativa de Vida -GCAV e Centro Excursionista Rio de Janeiro – CERJ). Para esta pesquisa de campo adotei um procedimento predominantemente etnográfico na observação da realidade investigada e penso que meu convívio com o cotidiano dos grupos e sujeitos pesquisados tenha sido bastante elucidativo. Tal experiência foi certamente vivida de forma bastante intensa.

Impelido por esta aproximação etnográfica, procurei guiar-me munido especialmente da perspectiva antropológica inaugurada por Clifford Geertz. A análise cultural proposta por Geertz (1989, p. 38) postula um abordagem semiótica da cultura, isto é, o entendimento da cultura como um sistema de símbolos, os quais podem ser lidos como um texto. O entendimento semiótico da cultura, evocado pelo autor, ecoando Max Weber, pressupõe entender os sujeitos como estando amarrado a teias de significado, as quais são tecidas por estes mesmos sujeitos.

Para Geertz (1989), fazer etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Não são as técnicas, as coisas e os processos determinados que definem o empreendimento etnográfico, mas o tipo de esforço intelectual que ele representa: o risco elaborado de uma “descrição densa”, expressão que o autor pede emprestado a Gilbert Ryle.

O trabalho de campo foi realizado entre julho de 2001 (com as observações sistemáticas) e abril de 2002, quando pude escolher um pequeno grupo para a realização de entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro buscou focar direta ou tangencialmente os temas do estudo. Os entrevistados foram escolhidos entre membros antigos e mais novos, totalizando um número de dez pessoas. Em relação aos critérios para escolha dos entrevistados, destaca-se o grau de envolvimento dos mesmos com as atividades, além da disponibilidade para participar das entrevistas.

EVIDENCIANDO POTENCIALIDADES: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PESQUISA

Gostaria aqui de traçar algumas breves considerações, numa tentativa de síntese dos principais aspectos suscitados com a pesquisa. Tais aspectos são provenientes tanto do referencial teórico do estudo quanto do contexto dos grupos investigados.

Uma primeira consideração diz respeito à singularidade destes grupos. Como demonstrou o estudo, O GCAV assume desde o início de sua criação a busca por uma forma inovada de organização, sobretudo marcada pela não-diretividade de suas ações. Trata-se de um agrupamento de pessoas cujo único elo a manter sua coesão, além de seu site na Internet, é a afinidade pela prática de caminhadas nas montanhas e florestas do Rio de Janeiro.

São pessoas de variadas idades, segmentos sociais e estilos pessoais de comportamento, articuladas em torno de ações descentralizadas. Estas características do GCAV, evidenciando um assumido traço anárquico (o próprio símbolo do grupo é um “A” estilizado, o qual simboliza o Movimento Anarquista) em sua dinâmica de constituição, conferem ao grupo uma peculiaridade poucas vezes encontrada em associações ou grupos voltados à promoção de atividades de lazer ou esporte de aventura na natureza. Não me parece exagerado enxergar no GCAV um exemplo de fuga a uma certa padronização no âmbito de grupos com tais finalidades. Neste sentido, este grupo tende a escapar da referência identitária geralmente atribuída a grupos deste tipo, não deixando-se capturar num certo “estilo radical” de comportamento e de consumo.

Alguns indicativos autorizam afirmar mais ou menos o mesmo em relação ao CERJ. Embora tenha outras características de criação e dinâmica, mais institucionalizadas e voltada a traços mais “tradicionais” do montanhismo, o CERJ, ainda assim, assume características que o afastam também de tais referências voltadas aos modismos do mundo dos “esportes radicais” e a práticas etiquetadas como “ecoturísticas”.

Tanto o GCAV como o CERJ estão desvinculados de qualquer perspectiva empresarial e de qualquer fim lucrativo em suas atividades. Isto significa que eles tendem a não tratar e não promover suas práticas como meras mercadorias, o que os colocam numa perspectiva diferenciada no trato com suas atividades e ações. Os próprios sujeitos que coordenam as atividades desses grupos tendem a vivenciá-las como lazer, como algo que tem um fim em si mesmo, sem nenhum fim mercadológico ou grandes apelos ao consumo de modismos. Diante de tais peculiaridades, tanto no contexto do CERJ como no do GCAV vislumbra-se outras possibilidades de estilos de vida e de compartilhamento de experiências, de relações de amizade e de relação com a natureza. Estes aspectos apontam, já de saída, elementos de diferenciação e abertura para uma outra forma de vivenciar aquelas práticas corporais de lazer e aventura na natureza, assim como se constituem em espaços férteis para o exercício de novas formas de ser e se relacionar.

Os entrevistados apontam algumas nuances importantes na experiência com estas práticas corporais de lazer e aventura, comparando-as às modalidades esportivas mais tradicionais. O principal componente apontado diz respeito à mudança de perspectiva na ação do sujeito, uma vez que no lugar da competição e da disputa (comum nas modalidades esportivas convencionais) entra o componente da solidariedade e da parceria com o outro.

Como demonstrou a observação dos grupos e alguns dos depoimentos coletados, o aspecto da competição, quando existe, não inclui necessariamente a busca pela superação do outro, mas a superação dos próprios limites e medos ao enfrentar os riscos tão presentes nas práticas do montanhismo. Nestas práticas, as quais são vivenciadas como lazer pelo grupo, foi possível perceber uma clara ausência de comparação de performances corporais, assim como o não estabelecimento de regras rígidas.

Acima de tudo, no contexto das práticas corporais aqui estudadas, não está em jogo um confronto com o outro ou com a natureza, uma necessidade imperiosa de rendimento, obediência a regras fixas e à rigidez do tempo, ou ainda de obter do corpo uma performance que esteja desvinculada do prazer e da harmonia com o ambiente onde se realiza. Neste sentido, há uma relação

mais contratual do que de domínio ou controle em relação à natureza, algo bem próximo do que discute Coelho dos Santos (1997). Para este autor, verificam-se consideráveis diferenças entre as “práticas *hard*” (modalidades atléticas do esporte formal) e as “práticas *soft*” (novas modalidades de aventura na natureza), especialmente no que se refere à relação do praticante com o próprio corpo e com a natureza.

Nas práticas corporais enfocadas neste estudo há uma clara intencionalidade de interação dos sujeitos com os elementos do mundo natural, onde o desempenho parece muito mais guiado pela habilidade e beleza dos gestos do que necessariamente pela sua funcionalidade, mais pelo prazer na busca de novas sensações do que por sua utilidade. Estes aspectos parecem sugerir que o envolvimento com tais práticas convida a novas ações e a uma forma diferenciada de relação do sujeito com o próprio corpo e com a natureza.

Estes aspectos podem ser aproximados também às formulações de Sant’Anna (1999, p. 90), nas quais a “ação em curso” é discutida no âmbito das “relações de composição”. Numa “ação em curso” já não é possível separar o sujeito que pensa e reflete do sujeito que age, assim como coincidem reflexão e vida corpórea. Por não se colocar fora da relação, o sujeito torna-se ao mesmo tempo pensamento e ação: “a meta final coincide com o processo”.

A vida cotidiana no contexto pesquisado parece dar lugar a formas particulares de constituição de subjetividades e de relações interpessoais, articuladas sobretudo pelo envolvimento com as práticas corporais de lazer ligadas ao montanhismo. A vivência coletiva destas práticas são associadas sobretudo a momentos de intensificação da relação do sujeito consigo próprio e com a alteridade, aí incluídos a natureza e os outros sujeitos que compartilham tais momentos.

Esta interação oferece um caráter peculiar às relações interpessoais vivenciadas a partir do convívio no grupo, especialmente no âmbito do CERJ. Os laços de sociabilidade criados e mantidos a partir do envolvimento com aquelas práticas corporais de lazer e aventura na natureza, giram em torno do que estas práticas representam e do prazer que elas podem proporcionar. Neste perspectiva, embora talvez não se possa falar estritamente aqui de “relacionamentos puros” no sentido de Giddens (2002), tais liames sociais aproximam-se de tal noção uma vez que não se fundamentam em nenhuma âncora externa (não estão baseadas em outras condições externas da vida social e econômica, por exemplo) além de uma afinidade comum por atividades ligadas ao montanhismo.

A amizade com o outro é acima de tudo uma aproximação de crenças e valores, e os sentimentos de proximidade revelam interesses e significações comuns na vivência de práticas de lazer. É também neste sentido que elas são tidas como diferenciadas em relação a relações de amizade suscitadas, por exemplo, no ambiente de trabalho ou a partir dos vínculos mais próximos ao círculo familiar. Trata-se de tipos de relacionamentos menos institucionalizados e burocratizados, uma vez que, em certa medida, tendem a fugir da rigidez dos vínculos orgânicos tradicionais, quer eles sejam vinculados ao trabalho, a religião ou façam referência às metáforas familiares.

Como foi possível constatar no discurso de alguns entrevistados, as relações de amizade suscitadas neste contexto tendem a ser cultivadas e bastante valorizadas, pois oferecem amparo sobretudo pela intensidade e emoção que é compartilhada nas experiências singulares de lazer vividas na

montanha. Por outro lado, elas tendem algumas vezes a extrapolar o espaço mais restrito do grupo e a compor a vida cotidiana e o estilo daquelas pessoas, criando novas redes de relações, muito embora a referência comum mais forte seja vivência conjunta das práticas ligadas ao montanhismo.

Se estes laços de sociabilidade algumas vezes “perdem” em duração ou frequência, eles ganham em intensidade, pois as experiências vividas são dotadas de expressiva significação para os sujeitos que a vivenciam. Elas permitem uma forma de amizade aberta, na qual é exercitada uma relação de confiança e compromisso com o outro, resultando em momentos singulares de emoções e desafios compartilhados.

O componente de reflexividade parece ser evidenciado nas experiências vivenciadas no contexto dos grupos investigados, já que a relação com o outro (e também com a natureza) é encarada como uma oportunidade de aprendizagem e de questionamento de si mesmo. Dessa maneira, se há sentido em falar do sujeito como um “projeto reflexivo” (Giddens, 2002) na modernidade tardia, este projeto parece incluir formas de subjetivação coletiva, formas de se constituir como sujeito na relação com o outro. No contexto pesquisado, estas relações apresentam-se fortemente pautadas por sentimentos de solidariedade, mas são também recortadas por uma incitação recíproca peculiar, por um desafio mútuo dos sujeitos na vivência das práticas vinculadas ao montanhismo.

Diante de tais asserções, seria possível aproximar estes liames sociais às formas de relacionamento sobre as quais refletem Foucault (1994a) e Ortega (1999, 2000, 2002). Ao se debruçar sobre a antiga estética da existência, Michel Foucault procura a reabilitação da práxis ascética (ascese no sentido de auto-elaboração) da Antigüidade, na qual, através de um minucioso trabalho de elaboração de si mesmo, os antigos buscavam fazer de suas vidas uma obra de arte. O apelo foucaultiano por uma forma de vida que atenda a certos critérios éticos e de estilo (a vida como uma “obra de arte”), marcada por uma experimentação intensa na relação do sujeito consigo mesmo e com o outro, nos remete a instigantes reflexões.

Nas palavras de Foucault (1994b, p. 731), a “elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal, ainda que obedecendo a certos cânones coletivos, estava no centro, me parece, da experiência moral, da vontade moral da Antigüidade...”.

Os dois últimos volumes da *História da Sexualidade, O Uso dos Prazeres e O Cuidado de Si*, constituem-se em investigações históricas sobre a ética sexual antiga e a arte de viver entre gregos e romanos. Nestes livros Foucault parece não fazer uma passagem clara para a atualidade, mas, juntamente com os chamados “textos menores” (artigos, entrevistas, palestras) do autor, eles oferecem importantes pistas para uma possível atualização da antiga estética da existência através da amizade.

Mesmo considerando o contexto de discussão sobre a homossexualidade, as respostas foucaultianas apontam para um novo e importante interesse pela amizade: “...não se entra simplesmente na relação para poder chegar à consumação sexual, o que se faz muito facilmente; mas aquilo para o que as pessoas são polarizadas é a amizade” (Foucault, 1994a, p. 163).

Seguindo as pistas deixadas por Foucault, o filósofo Francisco Ortega busca desenvolver uma espécie de ontologia da amizade, buscando realçar a

dimensão agonística e inter-subjetiva do cuidado de si. Elemento de ligação entre a elaboração individual e a subjetivação coletiva, a amizade é um convite à experimentação de novos estilos de vida e comunidade, a qual, reabilitada, pode introduzir movimento e fantasia nas rígidas e normatizadas relações sociais, além de proporcionar uma possibilidade de pensar e repensar as limitadas e empobrecidas formas de relacionamento existentes em nossa sociedade (Ortega, 1999).

Se falar de amizade em Foucault é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação e desterritorialização, pode-se também afirmar que as relações de amizade vividas no contexto dos grupos pesquisados tendem a ser marcadas pela experimentação e intensidade no âmbito das práticas corporais de lazer e aventura na natureza. Tais relações de amizade apresentam-se como um tipo de relacionamento tanto intenso quanto móvel (a mobilidade desterritorializante de relações no contexto do GCAV é disso um exemplo!), não se pautando necessariamente na igualdade e na concordância, mas num desafio mútuo, num compartilhamento de experiências de liberdade e de risco capazes de transformar os parceiros envolvidos. O amigo não é uma adesão incondicional, mas alguém com quem se constrói relações de confiança e desafios recíprocos (especialmente no contexto do CERJ), num processo que inclui autotransformação e aperfeiçoamento.

Diante destas considerações, seria possível, a propósito da indagação inicial do estudo, sustentar o argumento sob o qual o envolvimento com estas práticas coletivas de lazer e aventura na natureza podem, em algumas situações, ser entendidas como experiências existenciais férteis para o exercício de uma relação renovada do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Este exercício faculta aos sujeitos envolvidos a possibilidade de vivenciar processos renovados de subjetivação coletiva, podendo resultar em formas de amizade mais solidárias, livres e criativas.

A realidade investigada não deixa de nos apontar aspectos significativos sobre a experiência de lazer, especialmente aquelas relacionadas a práticas corporais de aventura na montanha. Embora estes aspectos digam respeito ao contexto dos grupos pesquisados, nada nos impede de supor a ocorrência de experiências semelhantes noutros contextos. Da mesma forma, não há nada que nos impeça de exercitar o anseio de que tais experiências não permaneçam limitadas a pequenos grupos.

Se este fluir da imaginação nos é permitido em um trabalho acadêmico, certamente inspirando-se nas experiências vislumbradas no contexto da pesquisa, é a partir desses pequenos lampejos de invenção lúdica de si mesmo que talvez seja possível imaginar um exercício ético-estético dos sujeitos, sobretudo a partir dessas experiências de lazer, pautado numa intensificação da relação do consigo próprio, numa constante invenção e reinvenção de si mesmo, a qual se dá na relação com o outro.

A partir das pequenas “brechas” e resistências vislumbradas no lazer vivenciado pelos grupos aqui estudados, talvez seja possível imaginar uma prática de si exercitada a partir do lazer e da relação com os outros, a qual possa constituir o sujeito como arquiteto de suas ações intencionais, sobretudo abrindo caminhos para processos de singularização (Guattari, 1986), isto é, para a problematização daquilo que se é, para o tensionamento da própria subjetividade em busca de outras sensibilidades, outras percepções, outras maneiras de ser.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

COELHO DOS SANTOS, Francisco C. Controle e contrato: duas formas de relação com a alteridade.

Revista Educação, Subjetividade e Poder, Porto Alegre, v. 4, n. 4, 1997.

FOUCAULT Michel. Da amizade como forma de vida. **Dits et écrits**, v. 4. Tradução de Wanderson F. Nascimento. Paris: Gallimard, 1994a.

_____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. Uma estética da existência. **Dits et écrits**, v. 4. Tradução de Wanderson F. Nascimento. Paris: Gallimard, 1994b.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1991.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica, cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1986.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

MONTEIRO, Sandoval V. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade**: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza.

Campinas, 2003, 143 f. Tese (Doutorado em Educação Física/Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____ **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____ Governabilidade e ethos da modernidade. In BRITO, A. N. e HECK, J. N. **Ética e política**. Goiânia: Ed. da UFG, 1997

_____ **Intensidade: para uma história herética da filosofia**. Goiânia: Ed. da UFG, 1998.

_____ **Para uma política da amizade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In LINS, D. (Org.) **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas, Papirus, 1997a.

_____ Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e com a cultura. In LINS, D. (Org.) **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas, Papirus, 1997b.

SANT'ANNA, Denise B. Passagens para condutas éticas na vida cotidiana. **Margem**, n. 9. São Paulo, 1999.

VILLAVERDE, Sandoval. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In MARINHO, A. e BRUHNS, H. T. (Orgs.) **Turismo, lazer e natureza**. Barueri (SP): Manole, 2003.

Endereço:

Rua Aracaju, 06 – Amarante – Natal – RN – 59104-180

sandoval@cefern.br - sandovalvillaverde@hotmail.com